

Bicentenário da Independência: um grito contra mitos e falsificações

355

• Revista
 **mosaico**

Ramon Lamoso de
Gusmão¹

**Bicentennial of
Independence: a
shout against
myths and
falsifications**

Resumo

Independência do Brasil (2022), do historiador e professor da Universidade de São Paulo (USP) João Paulo Pimenta, apresenta ao grande público aspectos essenciais para compreender o processo de separação entre Brasil e Portugal, que em 2022 completa o bicentenário. Sem transigir com o rigor científico do pesquisador e historiador profissional, Pimenta desfaz mitos, apagamentos e mentiras sobre a nossa Independência que ainda dominam o imaginário nacional. Para isso, escreve de maneira fluida e objetiva. O livro cumpre, com louvor, a proposta de combater simplificações. Alcança desde professores e estudantes do Ensino Médio até leitores interessados na História do Brasil.

356

Palavras-chave: Independência do Brasil; Bicentenário da Independência; História Pública.

Abstract

Independência do Brasil (2022), by historian and (Universidade de São Paulo) USP professor João Paulo Pimenta, presents the general public with essential aspects to understand the process of separation between Brazil and Portugal, which in 2022 completes its bicentennial. Without compromising the scientific rigor of the professional researcher and historian, Pimenta undoes myths, erasures and lies about our Independence that still dominate the national imagination. For this, he writes in a fluid and objective way. The book complies, with praise, with the proposal to combat simplifications. It reaches from teachers and high school students to readers interested in the history of Brazil.

Keywords: Independence of Brazil; Bicentennial of Independence; Public History.

O livro *Independência do Brasil*, publicado em 2022 pela *Editora Contexto*, abre o ano do bicentenário com uma proposta bastante clara: desfazer mitos, apagamentos e falsificações sobre esse momento decisivo, além de reavivar um debate recorrente e atual no campo da História. É possível alcançar e agradar a um público mais amplo, que ultrapassa a academia, sem renunciar ao rigor científico? A obra do historiador e professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), João Paulo Pimenta, prova que sim. Distancia-se do padrão recente do mercado editorial brasileiro. Primeiro, e fundamentalmente, porque é trabalho de um historiador profissional e pesquisador do tema. Em segundo lugar, como afirma o próprio autor, boa parte dos materiais de divulgação sobre a Independência variam “do ridículo, cômico e inferior ao glorioso, devocional e nacionalista” (PIMENTA, 2022, p.149).

João Paulo Pimenta tem carreira acadêmica consolidada no Brasil e atuação em universidades estrangeiras. Autor de dezenas de livros e artigos, em português e espanhol, é uma das referências na historiografia da Independência. As credenciais falam por si e seriam mais que suficientes para demarcar a linha divisória entre os dois tipos de produção. A todo instante, no entanto, o autor recorre à teoria e à metodologia da História, sempre considerando os leitores não familiarizados. Com linguagem simples e objetiva, elegância e fluidez na escrita, explica a um estudante do Ensino Médio ou a um leitor interessado em temas históricos porque não é possível definir com exatidão o tamanho da Corte portuguesa que chegou ao Rio de Janeiro, em 1808.

Para o autor, longe de ser um passado morto, enterrado e distante de nosso tempo, a história da Independência está em construção. E como se traduz essa atualidade? Em questões comuns a todos nós e que permanecem centrais: o que é o Brasil, como surgiu esse Estado-nação, quem são os brasileiros? (PIMENTA, 2022, p.10)

Certamente, o livro nasce como referência. É uma obra de divulgação científica sobre o processo de Independência, sem lançar mão dos subterfúgios dos não historiadores. Estes, no geral, costumam sobrevalorizar acontecimentos pitorescos e anedotas, e muitas vezes incorrem em imprecisões e mentiras. Contudo, o fato de *Independência do Brasil* ser voltado ao grande público não o leva a renunciar à complexidade do tema e nem a transigir com o rigor metodológico.

A cada capítulo, Pimenta desfaz uma série de mitos, falsificações e

incompreensões. Por exemplo, a visão caricatural que persiste sobre D. João VI e a família real portuguesa. Em regra, são vistos de maneira depreciativa, como personagens e participantes de processos históricos inferiores aos de outros países. Os fatos e documentos contradizem essa versão. Em poucos parágrafos, mas com argumentos consistentes, o autor consegue dirimir uma dúvida que paira no imaginário nacional: afinal, a vinda da corte portuguesa para o Brasil no final de 1807 foi fuga ou estratégia? A conclusão é de que se tratou de uma “fuga estratégica”, comparável a muitas registradas na história militar, como o abandono de Moscou durante as Guerras Napoleônicas (PIMENTA, 2022, p.57).

O livro também contribui para encerrar o falso debate sobre o tamanho da corte portuguesa que veio para o Brasil em 1808. De forma peremptória, esclarece que as fontes documentais disponíveis não permitem afirmar que foram 20 mil pessoas, como repetem obras de ampla circulação, livros didáticos e até historiadores renomados. Com didatismo, explica como um historiador profissional lida com cifras. “Quando a falta de dados não nos permite chegar a conclusões confiáveis, devemos proceder a uma análise da história menos quantitativa e mais qualitativa” (PIMENTA, 2022, p. 59).

Do início ao fim do livro, segue um método e uma estratégia, de contrapor sentidos comuns. Por exemplo, reitera a inexistência de um projeto político coeso e definido de nação, no movimento da Inconfidência Mineira (1789). A tentativa frustrada de rebelião na província de Minas Gerais não foi prenúncio da Independência. Antes de mais nada, foi “um sintoma da inserção das colônias portuguesas da América na Era das Revoluções” (PIMENTA, 2022, p.42). Os interesses dos inconfidentes estavam restritos à capitania e não se estendiam ao restante dos territórios portugueses no continente.

Igualmente importante no rol dos mitos nacionais, esclarece para o grande público que o tal grito de “Independência ou Morte” está no campo das tradições inventadas. É apenas o título da pintura de Pedro Américo, a imagem icônica que ajudou a criar e difundir um dos nossos mitos fundadores. Apesar de enraizada na memória coletiva, a heroica declaração de independência do 7 de setembro de 1822 não existiu. Aqui, novamente, o autor demarca os limites metodológicos e éticos do ofício do historiador. O que se sabe é resultado de estudos sobre relatos posteriores ao 7 de setembro, deixados por quatro testemunhas da viagem de D. Pedro a São Paulo.

Ao receber notícias de que as Cortes de Lisboa adotaram novas medidas contra o governo do príncipe regente do Brasil, D. Pedro “*parece ter afirmado* que as ligações com Portugal estavam definitivamente rompidas” (PIMENTA, 2022, p.96, grifo nosso). De acordo com o autor, é o que se pode concluir, após a crítica das fontes. Não houve nenhuma declaração formal e pomposa de independência, como supõe há 200 anos o senso comum.

E como se desenhou a unidade do país? Por que não nos tornamos um conjunto fragmentado de repúblicas como na América Espanhola? Segundo a versão mítica e idealizada, forjada ao longo de dois séculos, teríamos nascido de forma pacífica, por separação “amigável”, sem guerras e sem sangue (PIMENTA, 2022, p.103). Em oposição a esse imaginário, o que se verifica, na realidade, é uma tentativa de apagamento e esquecimento das várias independências e guerras de independência das províncias.

As batalhas ocorridas na Bahia, Ceará, Maranhão, Pará e Cisplatina não podem ser menosprezadas, seja na dimensão militar ou nas consequências. Esses confrontos ajudaram a definir a nossa unidade política e territorial. Por exemplo, “a guerra de independência na Bahia durou quase um ano, mobilizou algo em torno de 22 mil combatentes [...] e resultou em centenas de mortos” (PIMENTA, 2022, p.108). Não se pode falar, portanto, de uma Independência pacífica e harmoniosa.

Ao longo de 160 páginas divididas em seis capítulos e seções, Pimenta contextualiza os antecedentes da separação de Portugal, desde o reformismo ilustrado português, passando pelos impactos da Era das Revoluções, das Guerras Napoleônicas, da transferência da família real para o Rio de Janeiro, e da crise do antigo sistema colonial.

A principal lacuna do livro é a ausência de uma análise aprofundada e pormenorizada da participação das elites políticas e econômicas e, por outro lado, de grupos populares, especialmente os escravizados. De forma tangencial, Pimenta trata dos grandes proprietários de terra e escravocratas como partes interessadas na separação de Portugal. Para além das Cortes de Lisboa, como essas elites se articularam e atuaram de fato pela Independência? Quais nomes se destacaram e participaram de forma mais ativa? Como elas se integraram ao Estado monárquico recém-criado? Qual o grau de envolvimento das camadas populares no processo de Independência? Questões que mereceriam mais atenção, por exemplo, em relação ao detalhamento dispensado ao reformismo ilustrado português.

Mas essas ausências não comprometem o resultado. Segundo o próprio autor, a Independência é uma história em construção. E *Independência do Brasil* é um contraponto à vulgarização do conhecimento sobre um dos processos definidores do Estado-nação.

Muitos historiadores se negam a combater o que repudiam, sob o argumento de que estariam abandonando o campo da ciência e entrando na arena dos negacionismos e falsificações. Pimenta, ao contrário, aceita o confronto, e tem fatos e fontes documentais como armas. Para ele, os historiadores precisam envolver a sociedade e mostrar que a utilidade do conhecimento histórico está no rigor e na verdade da sua construção (PIMENTA, 2022, p.154). No ano do bicentenário, o livro de João Paulo Pimenta é um verdadeiro grito de independência contra mitos, apagamentos e falsificações que marcam a percepção pública sobre a Independência do Brasil.

Resenha recebida em 22 de maio de 2022
Aprovada para publicação em 13 de junho de 2022

Referência

PIMENTA, João Paulo. **Independência do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2022.

Sobre a autoria

¹Mestrado em História (2013-2015) pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal). E-mail: rgusmao07@hotmail.com.